

COGEAE – PUC – SP

COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E
EXTENSÃO DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia

CURSO DE EXTENSÃO EM PSICOGERONTOLOGIA

Profa. Dra. Délia Catullo Goldfarb

Trabalho final

CORTINA DE FLORES

Aluna: Iara Simonetti Racy

Novembro, 2008

CORTINA DE FLORES

Renato, um homem de 39 anos, dono de uma pequena empresa de sapatos, mudou-se há pouco para o condomínio, mas desde o primeiro momento que a viu não conseguiu tirá-la do pensamento. O perfume e a imagem da mulher caminhando pelo corredor ficaram fixados em seu corpo e em seu olhar.

Buscou ser discreto na sua aproximação para não causar má impressão. Sempre que a via, não conseguia deixar de lado sua cordialidade e encantamento diante a figura de tamanha beleza.

Joana se sentia cuidada, protegida, envaidecida sempre que Renato estava ao seu lado e isso a deixava muito alegre, muito viva. Renato foi se encantando cada vez mais. Com o tempo, foram intensificando a relação e se tornaram agradáveis vizinhos, moravam no mesmo andar. Ele começou, então, a tomar coragem para expressar seus reais sentimentos, que despertaram desde o primeiro contato e só se fortaleciam com o tempo. Um sentimento que era maior que o aconchego vizinho.

Os convites para jantares começaram a ficar mais íntimos. As cartas já ganhavam uma conotação diferente e Joana começou a estranhar esse outro significado de aproximação. Isso fez com que ela se afastasse e olhasse com mais cuidado para sua vida e sua história. Passou a se esquivar de qualquer contato presencial com Renato, que não desistiu em nenhum momento de lutar por esse amor. Joana não recusava suas cartas e flores, mas não dava espaço mais para os encontros, nem mesmo telefonemas. Recebia tudo, mas não retornava, nem retribuía como antes.

Joana registrava em seu diário, com letras já trêmulas de uma mão cansada, os sentimentos e pensamentos que vivia com toda essa nova experiência e é através dele que conhecemos um pouco da sua história:

São Paulo, 22 de setembro de 2006

Ele ainda me envia cartas. Mas o que pode querer de mim? Há tempos já me olho no espelho e vejo uma mulher que não era eu. Uma mulher que tem marcas de muito tempo vivido e de tão pouco tempo de vida. Quem poderia desejar essa mulher não fosse meu falecido marido? Eu já não tenho futuro e não sirvo como amada. Nem tenho vida afortunada. Há 15 anos me conforto nessa vida de saudade dos pés juntos na cama. Nessa vida de me orgulhar dos amigos, dos filhos e dos netos. De não pensar que outro homem pudesse fazer parte de mim. Já me acostumei. Ele podia ser meu filho, ou até mesmo meu neto...

São Paulo, 29 de setembro de 2006

Chegou um convite para uma viagem. Ele vai para uma reunião em Ubatuba e disse que gostaria muito da minha companhia. Só de pensar aquele corpo jovem, cheio de formas adequadas... como poderia pensar que minha companhia seria agradável nas areias da praia? O que iriam pensar as pessoas? Eu me olhei no espelho hoje novamente. Quantos dedos apontados para essa velha senhora de 79 anos estariam julgando a minha presença por lá? Na praia e ao lado dele. É muito assanhamento.

São Paulo, 05 de outubro de 2006

Ele retornou da viagem e me enviou flores com um singelo recado. Eu gosto de lê-lo. E tenho medo disso.

São Paulo, 17 de outubro de 2006

Hoje conversei com minha filha mais velha. Ela percebeu algo diferente em mim e eu contei que um homem tem me feito ver a vida de outra forma. Ela ficou tão feliz com a possibilidade de eu ter essa vida novamente, de uma companhia. Nunca tive outra companhia desde que Julio foi embora. Mas eu não disse a idade dele... não sei se ela compreenderia a minha angústia ou se seria mais uma pessoa a julgar essa coisa que tem feito parte de mim.

São Paulo, 23 de outubro de 2006

Hoje eu passei batom. O Julio adorava esse tom. Ele dizia que minha boca ficava mais bonita e isso o deixava com mais vontade de saboreá-la. Eu gostava quando o Julio olhava para a cor do meu batom.

São Paulo, 1º de novembro de 2006

Hoje me olhei no espelho de novo. Vesti uma peça de roupa que minha filha deixou aqui em casa. Um vestido que ficou um pouco apertado, mas que dava uma forma diferente para o meu corpo, uma forma bonita, um decote, sensual até para mim. Foi um susto e um momento de perceber mais o meu corpo da idade e o meu corpo de gente. De sentir mais próxima a admiração de um corpo velho.

São Paulo, 14 de novembro de 2006

Renato ainda me manda cartas. E diz palavras doces. Quando leio me vêm momentos que ríamos juntos. Que me faziam notada, acolhida, protegida. Me fazem ainda. Momentos que me faziam brincar. Que me faziam ser mais viva e me faziam esquecer a idade que tenho. Ele podia ser meu filho... mas meus filhos não me tratam assim, nem me deixam assim, sentido isso tudo no meu corpo. Ansiosa por mais um dia, por mais companhia, por mais descoberta, por mais um despertar em mim.

São Paulo, 25 de novembro de 2006

Não consigo mais pensar em outra coisa. Essa insistência encantadora. Esse receio de sair de casa e me encontrar com ele no corredor. Estou prisioneira desse sentimento. Você é meu único cúmplice, não consigo falar para mais ninguém. Sinto culpa.

São Paulo, 29 de novembro de 2006

Tantas cartas, tantas flores, tanta vida. Ele me diz coisas que me lembram um casal de adolescentes apaixonado. Eu sou velha.

São Paulo, 07 de dezembro de 2006

Tem dias que fico olhando pela janela, me sinto vestida pelas flores recebidas que colorem a minha paisagem. Eu admiro aquela cortina viva que separa o meu mundo de dentro e o mundo lá de fora. É uma angústia, uma dúvida, uma culpa. Ao mesmo tempo parece que é um corpo novo que se move pra dentro de mim. É solitário aqui no meu apartamento.

São Paulo, 15 de dezembro de 2006

Eu leio e releio as cartas dele. Eu me recordo dos dias que tive a companhia dele. Lembranças das mãos e dos abraços dados. Eu sinto tanta coisa quando penso nele. Eu posso sentir tudo isso? É permitido na minha idade? Na minha condição de viúva? O corpo dele ainda é tão bonito, tão jovem. O que diria a minha família? Os filhos e os netos de Julio? O que diriam as pessoas na rua? Com que cara eu sairia na rua? Não sou jovem. Não quero ser ridícula.

São Paulo, 21 de dezembro de 2006

Sempre me perguntam sobre o amigo vizinho, já não sei mais o que dizer. Minhas filhas, meus netos. Eles dizem que querem conhecê-lo. Digo que ele tem se ocupado demais com o trabalho. Tenho medo de ser motivo de gozação. Tenho medo de perder essa vaidade renascida. Tenho medo da censura. Tenho medo da realidade dura onde o mundo me colocou.

São Paulo, 23 de dezembro de 2006

Hoje eu o vi no corredor. Pela primeira vez com os olhos dessa mulher que ainda resta em mim. Dessa mulher que desperta através de tantas palavras. E que despertou mais fortalecida pela imagem que vi e pelas mensagens ditas no seu olhar. Chegou mais um convite doce e provocante. Acho que vou aceitar.

Renato, então, preparou um jantar romântico regado a velas e vinho. Joana se enfeitou com a mesma ansiedade e vaidade que teve em seu primeiro encontro com Julio. Sorria a cada movimento e imagem refletida, sentia seu coração acelerando a cada segundo que a aproximava do jantar, se embriagava com cada emaranhado de sentidos. Passou um batom de outro tom. Respirou fundo e foi.

A noite foi incrível para os dois. Renato era gentil, encantador e sedutor. Joana se permitiu, naquele instante, vivenciar tudo o que era despertado no encontro a dois. Ela era doce, elegante e sensual.

Foram da carne para o vinho, da fome para a dança, da mesa para a cama. Tudo fluía e naturalmente acontecia. Como se fosse a primeira vez. Aquele desejo, aquele cuidado, aquelas dúvidas, aquele encanto de ter acontecido com a pessoa certa.

Joana despertou na madrugada e deixou uma carta com uma flor sobre o travesseiro que ainda tomava a forma de uma mente cheia de novas percepções. Saiu do apartamento ainda sentindo o perfume da noite e dos corpos. Olhou aquele lugar por uns instantes, fechou a porta e nunca mais voltou.

Renato tentou trazer Joana inúmeras vezes para o seu lado novamente, mas todas as tentativas foram em vão. Aquela carta foi o que restou e o que o acompanhava agora em todos os momentos.

As mensagens e flores continuaram a ser entregues e recebidas. A vaidade continuou a florescer em Joana, mas agora com um sentimento ambíguo trazido pela experiência vivida. Um sentimento que ela não sabia dizer se era uma tristeza ou uma

alegria, se era um lamento ou uma dádiva, se era uma escolha dela para o mundo ou do mundo para ela.

Ficamos sem saber o motivo de ela não se permitir vivenciar esse encontro, talvez nem ela soubesse. A única certeza que tivemos foi o desencontro visto no rosto confuso entre a cortina de flores e na janela do apartamento ao lado através da lágrima de um coração partido.

Referências bibliográficas

Livros:

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro : Ed. Nova Fronteira, 1990.

BUTLER, R.N. e LEWIS, M.I. *Amor e sexo na terceira idade*. São Paulo : Summus, 1985.

IZQUIERDO, I. *A arte de esquecer*. Rio de Janeiro : Vieira&Lente, 2004.

Sites:

CARIDADE, A. *A sexualidade no envelheSER*. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/pforum/se1.htm>. Acesso em 07 de novembro de 2008.

FERIANCIC, M. M. *Sexualidade e envelhecimento: algumas reflexões*. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/acervo/articop/Geral/artigo21.htm>. Acesso em 06 de novembro de 2008.

FERIANCIC, M. M. *A sexualidade não envelhece, só muda de sabor*. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/pforum/se4.htm>. Acesso em 07 de novembro de 2008.

FRAIMAN, A.P. *Carinhos e carícias*. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/pforum/se2.htm>. Acesso em 07 de novembro de 2008.

GOLDFARB, D. C. *Corpo e temporalidade: contribuições para uma clínica do envelhecimento*. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/psico/psico5.htm>. Acesso em 26 de março de 2008.

MORAES, C. A. *Os significados da sexualidade no idoso na saúde e na doença*. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.net/pforum/se3.htm>. Acesso em 07 de novembro de 2008.

Filmes:

DEPOIS DAQUELE BAILE. Direção Roberto Bontempo. Produção Roberto Bontempo, Guilherme Fiúza e Agnes Lealt. Distribuição Mais Filmes, 2005. DVD (108 min) Brasil.

O OUTRO LADO DA RUA. Direção Marcos Bernstein. Produção Marcos Bernstein e Kátia Machado. Distribuição Columbia TriStar do Brasil, 2004. DVD (97 min) Brasil.

VÊNUS. Direção Roger Michell. Produção Kevin Loader. Distribuição Miramax Films / Buena Vista Pictures / Golden Filmes / Europa Filmes, 2006. DVD (95 min), son, color, legendado, port. Inglaterra.